

Educação Farmacêutica: é preciso ir além do simplesmente moderno

Jaldo de Souza Santos,
Presidente do Conselho Federal de Farmácia



Estamos diante de um novo e grande desafio: a realização, pelo Conselho Federal de Farmácia, da **IV conferência Nacional de Educação Farmacêutica**, de 25 a 27 de outubro de 2004, em Brasília. As Conferências são um desafio complexo e *sui generis*, porque este não se esgota, no encerramento dos eventos. Pelo contrário, iniciam-se, ali, novas etapas de grandes responsabilidades para nós, que assumimos como uma de nossas prioridades lutar, com vistas a tornar bem-sucedido o processo de transformação da educação farmacêutica, no País. Ressalto que o CFF está justamente no epicentro desse bendito terremoto que está sacudindo o ensino de Farmácia.

A Conferência deste ano vai abordar os "Paradigmas da Nova Educação Farmacêutica". Nada mais acertado que usar o termo "nova", ao se referir à educação no campo da Farmácia. É nova, sim, ainda que o processo de mudança esteja apenas se iniciando. Nunca mais a educação farmacêutica foi e será a mesma, depois que realizamos a primeira Conferência.

Antes de sua realização, tudo o que havia, dentro e fora das faculdades era um contido (mas intenso) desejo de mudança. Mais de 30 anos se passaram, período em que a necessidade de mudança ia se consolidando na cabeça da maioria dos que estão envolvidos com o ensino. Mas tudo era vontade apenas. Tudo era uma calma. A concretização do desejo carecia de uma chama que a tornasse possível, factível.

Vieram, principalmente nos últimos dez anos, as transformações no universo das ciências farmacêuticas, no seio da sociedade, no mercado empregador, nas comunicações; vieram, também, a expansão das atividades profissionais a áreas novas, a globalização (o Mercosul é uma realidade à vista), a necessidade de o farmacêutico assumir responsabilidades nos campos da atenção primária e da prevenção. Este

"Nunca mais a educação farmacêutica foi e será a mesma, depois que realizamos a primeira Conferência Nacional".

conjunto de fatores funcionou como pontos de fusão do que viria a ser a amálgama, a liga da mudança.

Foi, aí, que entrou o CFF, trazendo o vento que faltava para desfazer a calma. O Conselho agiu como o elo e tomou a si a responsabilidade de deflagrar o processo que já estava latejante no coração do setor. Agiu como um cupido, flechando coordenadores de curso, professores, acadêmicos, autoridades e especialistas em ensino farmacêutico. Chamou todos às Conferências Regionais e às Nacionais, aos Fóruns, abriu o caminho para as discussões, construiu a mesa para o debate, propiciou a todos direito a microfone, púlpito, vez, voto. Desses eventos, saiu, democraticamente, a proposta das Diretrizes Curriculares.

Contudo (e eu nunca me poupo de afirmar isso), o CFF jamais impôs nada: nunca norteou o rumo das mudanças, nem definiu o seu tipo. Sequer pregou que deveria haver mudança. Mas quando sentiu que a maioria queria mudar, deu-lhe condições para isso.

A proposta das Diretrizes foi elaborada e aprovada pelos docentes e encaminhada ao Conselho Nacional de Educação que, por sua vez, a aprovou. As Diretrizes são uma riqueza. Funcionam como o caminho por onde vai trilhar uma educação farmacêutica moderna.

Moderna não é ser apenas nova. É, sim, estar conectada à realidade socioeconômica brasileira, é estar no presente, é ser parte ativa do futuro que está sendo construído, é beber nas fontes do humanismo; é ter raízes na história da Farmácia e folhas nos desafios que as novas atribuições estão nos

trazendo; é não criar em torno de si um muro que a separe do mundo lá fora (um mundo ao qual se destina). Enfim, é preparar o farmacêutico para as múltiplas possibilidades que a Farmácia está oferecendo.

Vale salientar que a Farmácia é uma das poucas, se não a única, profissão, no Brasil, onde existe pleno emprego. Mas é um emprego exigente. Há que se chegar preparado para enfrentá-lo. E nós estamos fazendo a nossa parte, oferecendo ao profissional oportunidades de se qualificar, editando resoluções voltadas a esta nova realidade, ligando-nos a entidades farmacêuticas internacionais, com o propósito de abrir espaços para a atualização técnico-científica do farmacêutico, entre outras medidas.

Bem, este ano, a IV Conferência vai fazer um diagnóstico do processo de implantação das Diretrizes. Estão percebendo o tamanho de nossa responsabilidade? Não apenas ajudamos no nascimento das Diretrizes. Queremos vê-las implementadas. Sabemos das dificuldades para isso, mas não nos acomodaremos. A Farmácia não pode parar.

A Conferência está em boas mãos. Os integrantes da Comissão de Ensino do CFF (Comensino), responsável pela organização do evento, os doutores professores Magali Demoner, Carlos Cecy, Zilamar Fernandes e Radif Domingos, são pessoas experientes e têm a exata noção do conjunto da educação farmacêutica, no Brasil. Já visitaram as faculdades de Farmácia, no País inteiro, para falar sobre como implantar as Diretrizes, criaram um manual nesse sentido. Enfim, esses abnegados professores são excelências no assunto e sempre estiveram na luta pelo sucesso dos eventos.

Guardo todos na **IV Conferência**. É o momento de iniciarmos a consolidação das Diretrizes.

"Estão percebendo o tamanho de nossa responsabilidade? Não apenas ajudamos no nascimento das Diretrizes. Queremos vê-las implementadas".